

FORMAÇÃO DE SINAIS SOB A ÓTICA DA CULTURA SURDA INDÍGENA

NAZÁRIO, Victor Hugo Lima¹
BARROS, Ana Carolina Ferreira de²

RESUMO: Este artigo objetiva trazer ao leitor uma breve abordagem sobre o que é cultura em um contexto mais amplo, o que se entende por cultura surda e como esta se manifesta por meio de sujeitos surdos indígenas dentro de suas etnias em um contexto amazônico. Para isso, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa de natureza básica, com objetivos descritivos e procedimentos de revisão bibliográfica. Nos embasamos principalmente nas publicações feitas por Vilhalva (2009; 2012; 2021), Quadros e Silva (2017), Gomes (2020), Gomes e Vilhalva (2020), Francisco (2021), Costa, Nascimento e Prates (2021) entre outros. Apresentamos um registro de sinais emergentes selecionados para esta pesquisa organizados por meio de reprodução fotográfica, seguido de suas respectivas escritas por meio do sistema de escrita de sinais *Signwriting* acrescidos de explicações em língua portuguesa. Por fim, trazemos nossas considerações finais que expõem a contribuição desta pesquisa aos estudos culturais relacionados as pesquisas sobre surdos indígenas e suas produções linguísticas por meio dos sinais emergentes.

Palavras-chave: Cultura Surda. Surdos indígenas. Registro de sinais emergentes.

ABSTRACT: This article aims to provide the reader with a brief approach to what culture be in an overview context, what deaf culture means and how it is manifested through deaf indigenous subjects within their ethnicities in an Amazonian context. For this purpose, we chose to accomplish a qualitative research of a basic nature, with descriptive objectives and bibliographic review procedures. We are based mainly on publications made by Vilhalva (2009; 2012; 2021), Quadros and Silva (2017), Gomes (2020), Gomes and Vilhalva (2020), Francisco (2021), Costa, Nascimento and Prates (2021) among others. We present a record of emergent signs selected for this research organized through photographic reproduction, followed by their respective writings through the Signwriting system added with explanations in Portuguese. Finally, we bring our final considerations that expose the contribution of this research to cultural studies related to research on indigenous deaf people and their linguistic productions through emergent signs.

Keywords: Deaf Culture. Indigenous deaf people. Record of emergent signs.

Introdução

Cultura. Será que falamos sobre cultura, esta grafada no singular, como única, ou será que na verdade falamos sobre culturas, plurais, múltiplas e diversas? De uma forma mais genérica, podemos dizer, em concordância com algumas das definições encontradas nos dicionários da língua portuguesa, que cultura refere-se as mais diversificadas regras de convívio social, credos, hábitos ou conhecimentos que distinguem determinado grupo de outro. Incluindo ainda todo um conjunto de experiências e saberes adquiridos ao longo do tempo, bem como costumes sociais e religiosos, manifestações intelectuais e artísticas que diferenciam uma sociedade de tantas outras.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – PGET/UFSC, turma 2022. Tradutor e Intérprete de Libras/Português da Universidade Federal do Acre – UFAC, lotado no Núcleo de Apoio à Inclusão – NAI. hugo.nazario@gmail.com

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre – PPGLI/UFAC, turma 2021. Professora Bilíngue da Secretaria Municipal de educação de rio Branco – AC. professoracarolina@hotmail.com

Neste sentido, abordaremos neste artigo o que se entende por cultura surda e como essa cultura se manifesta em algumas etnias indígenas nas quais índios surdos se fazem presentes. Cultura essa que se materializa através das inúmeras experiências visuais que vão influenciar a forma de comunicação desses sujeitos surdos, com os chamados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” (VILHALVA, 2009; 2012).

Para elaboração deste texto, quanto a sua natureza acadêmico-científica, nos embasamos em Prodanov e Freitas (2013) e optamos em realizar uma pesquisa de natureza básica, cujos objetivos são descritivos e seus procedimentos de obtenção de dados são baseados na pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Para além desta classificação, apoiamo-nos em publicações feitas principalmente por Vilhalva (2009; 2012; 2021), Quadros e Silva (2017), Gomes (2020), Gomes e Vilhalva (2020), Francisco (2021), Costa, Nascimento e Prates (2021) entre outros.

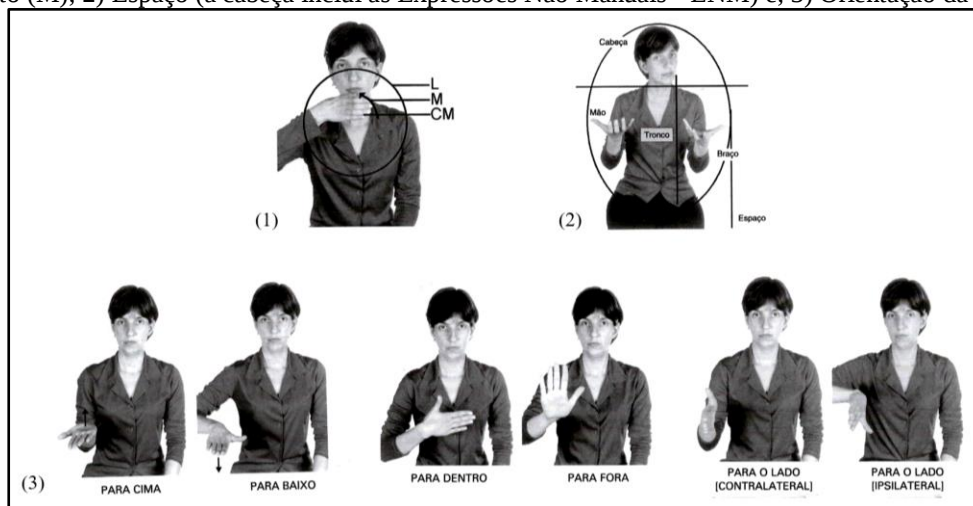
Para a apresentação dos sinais com marcas culturais indígenas, nos utilizamos de registros fotográficos associados ao sinal escrito no sistema *Signwriting* (SUTTON, 1998b; STUMPF, 2005; BARRETO, 2015) transcritos a partir de um programa online de edição de sinais, o *SignPuddle*, seguidos de sua descrição em língua portuguesa.

Dessa forma, esta pesquisa se faz relevante aos Estudos Culturais, principalmente por trazer ao âmbito acadêmico mais registros sobre a expressão das línguas de sinais indígenas, no que concerne aos sinais emergentes, sob a perspectiva da(s) cultura(s) surda(s) indígena(s) dentro do contexto amazônico.

Um pouco sobre as línguas de sinais

Stokoe (1960), foi o primeiro linguista norte americano a analisar a Língua de Sinais Americana (ASL) destacando àquela época três constituintes/parâmetros básicos da formação de sinais: a configuração de mão (CM), a locação (L) e o movimento (M). Posteriormente, Battison (1974, 1978) adicionou outros dois parâmetros às pesquisas de Stokoe: a orientação da palma da mão (Or) e as expressões não-manuais (ENM).

Figura 1: Parâmetros de composição de sinais da Libras: 1) Configuração de mão (CM), Locação (L) e Movimento (M); 2) Espaço (a cabeça inclui as Expressões Não Manuais - ENM) e, 3) Orientação da palma (Or).



Fonte: adaptado de QUADROS; KARNOPP (2004, p. 51-60).

Quadros e Karnopp (2004) definem configuração de mão como sendo a forma que a mão assume durante a produção de um sinal; o movimento refere-se à como os sinais são movimentados durante sua execução, podendo ter várias formas e direções, incluindo movimentos internos das mãos ou pulsos e direcionamentos no espaço, apresentando movimentação única ou diversificada; já em relação a locação, pode-se afirmar que é o local onde um sinal é articulado, ou seja, uma parte do corpo ou o espaço à frente dele. Ferreira-Brito (1995) nos afirma que a orientação da palma da mão é a direção para onde ela é apontada, podendo ser para frente ou para trás, para cima ou para baixo e, para direita ou para a esquerda. Por fim, a autora define que as expressões não-manuais estão relacionadas aos significados dos sinais, podendo ser afirmações ou negações, exclamações ou interrogações, ou ainda, distinções de pares mínimos, que ocorre quando dois sinais se diferenciam por apenas um de seus parâmetros (FERREIRA-BRITO, 1995).

As línguas de sinais, assim como as orais, são línguas naturais (SAUSSURE, 1916) que surgem espontaneamente, a partir das necessidades de seus utentes, sejam eles surdos ou ouvintes. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), é a língua da comunidade surda brasileira (dos centros urbanos), reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Ela é de modalidade visual espacial, ou seja, as informações são percebidas pelos olhos e produzidas pelas mãos, diferentemente das línguas orais auditivas, como o Português, por exemplo, na qual as mensagens chegam através dos ouvidos e são emitidas pela boca.

De acordo com as pesquisas de Harrison (2013, *apud* VARGAS, 2018), as línguas de sinais, assim como as línguas orais, são originadas nas comunidades surdas dentro da cultura

de cada país, diferenciando-se entre povos que possuem seus idiomas, costumes e manifestações culturais próprias. Da mesma forma como cada país possui sua própria língua oral, o mesmo acontece com as línguas de sinais, e embora alguns países partilhem a mesma língua oral, suas respectivas línguas de sinais não são as mesmas, como é o caso, por exemplo, de Brasil e Portugal, em que os ouvintes falam a Língua Portuguesa e os surdos a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Gestual Portuguesa (LGP), assim como ocorre também com Estados Unidos e Grã-Bretanha, que partilham da língua oral inglesa, e possuem a Língua de Sinais Americana (ASL) e a Língua de Sinais Britânica (BSL), respectivamente.

Figura 2: Sinal para MÃE/MOTHER, respectivamente, em Libras, LGP, BSL e ASL.



Fonte: Google imagens (2021)

Como pode ser observado na Figura 2, o sinal MÃE em Libras é articulado com a mão direita fechada e o dedo polegar estendido passando sua digital pela bochecha, fechando a mão por completo e beijando-se o dorso da mão. Já em LGP, a mão direita posiciona-se aberta tocando o dorso embaixo do queixo e fechando os dedos gradativamente do mínimo até o polegar. Em relação ao sinal MOTHER em BSL, a mão direita mantém a configuração utilizada para representar a letra M (dedos mínimo e polegar fechados e unidos pelas pontas e dedos indicador, médio e anelar unidos e estendidos) tocando duas vezes as digitais dos dedos na palma da mão esquerda, que permanece aberta com os dedos estendidos e unidos. Por fim, em ASL, o sinal é realizado com a mão direita aberta, dedos estendidos e separados, palma voltada para a esquerda e tocando duas vezes a ponta do dedo polegar na frente do queixo.

Por sua viso-espacialidade, grande parte das pessoas ouvintes que desconhecem as línguas de sinais pensa que são apenas uma tentativa de reprodução gestual, por mímicas ou pantomimas das línguas orais. Mas, segundo descreve Gesser (2009, p. 21), “a pantomima quer fazer com que você veja o ‘objeto’, enquanto o sinal quer que você veja o símbolo convencionado para esse objeto”. Dessa forma, é possível afirmar que pessoas sinalizantes podem expressar sentimentos, emoções, abstrações e discutir sobre quaisquer assuntos, tais como filosofia, política, economia, acontecimentos cotidianos, etc. (GESSER, 2009).

Figura 3: Pantomima (a esquerda) e sinal (a direita) para OVO em ASL.



Fonte: KLIMA; BELLUGI (1979, p. 17).

Na figura acima, Klima e Bellugi (1979) nos dão um breve exemplo de pantomima e sinal para OVO (EGG) em ASL. Podemos perceber do lado esquerdo que há uma representação do ato de pegar um ovo, quebra-lo e jogar a casca fora, sequencialmente do número 1 ao 5. Do lado direito, porém, temos o símbolo convencionado sendo realizado com mãos simétricas configuradas fechadas com apenas os dedos indicador e médio estendidos e unidos, em que a lateral do dedo médio direito toca a lateral do dedo indicador esquerdo e são projetadas para baixo, representado assim o sinal mencionado.

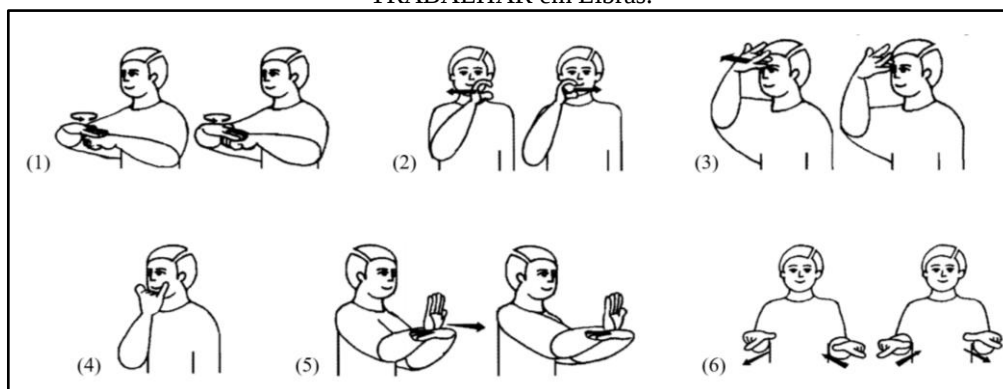
Relações de iconicidade e arbitrariedade na produção de sinais

Existe uma generalização, por parte de ouvintes que desconhecem as línguas de sinais, em pensar que estas são majoritariamente icônicas, ou seja, que são mímicas/pantomimas baseadas nas línguas orais, como mencionado anteriormente. Isso acontece pelo fato de ser mais perceptível nessas línguas devido serem de modalidade viso espacial (GESSER, 2009). Sabe-se que na Libras, por exemplo, existem muitos sinais que são motivados pela iconicidade e que esta é responsável por reproduzir imagetivamente traços relacionados a determinados referentes, o que torna o sinal mais transparente e de fácil compreensão de seu significado. Arelada a iconicidade, temos a arbitrariedade, pois há sinais que “não representam associações ou semelhanças visuais com o referente” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 32-33).

Gesser (2009, p. 28) nos relembra ainda de que a arbitrariedade é convencional “e regida por regras específicas”, pois não podemos inferir o significado de uma palavra/sinal apenas por sua representação ou forma. A arbitrariedade está mais ligada a estrutura gramatical das línguas e na medida em que essas se diferenciam umas das outras (QUADROS; KARNOPP, 2004). A exemplo disso, podemos pensar então na palavra “casa”, que em Libras é um sinal icônico,

representando o telhado, mas que em Português é arbitrária, pois não há relação entre o objeto em si e aquilo que ele representa, apenas sabemos que houve uma convencionalização e que tal objeto recebeu o nome de casa. Alguns outros sinais da Libras também podem ser exemplos de sinais arbitrários, a saber: (1) CONVERSAR, (2) RÁPIDO, (3) PESSOA, (4) DESCULPA, (5) AJUDAR, (6) TRABALHAR, etc.

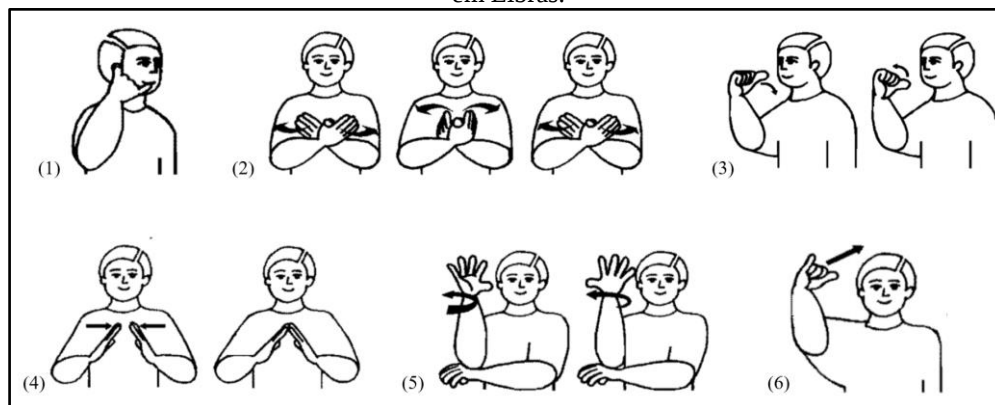
Figura 4: Sinais para (1) CONVERSAR, (2) RÁPIDO, (3) PESSOA, (4) DESCULPA, (5) AJUDAR, (6) TRABALHAR em Libras.



Fonte: adaptado de CAPOVILLA (2015).

Strobel (1998) nos acrescenta afirmando que alguns sinais da Libras são icônicos “fazendo alusão a imagem do seu significado”. Como exemplos desses sinais podemos ter (1) TELEFONE, (2) BORBOLETA, (3) BEBER, (4) CASA, (5) ÁRVORE, (6) AVIÃO, dentre tantos outros. É importante destacar ainda que embora essa seja uma característica muito presente nas línguas de sinais, cada comunidade surda apresenta traços diferentes de um mesmo referencial, comprovando então que existe arbitrariedade dentro da iconicidade, ou seja, os sinais são representados convencionalmente através dos traços imagéticos mais importantes para um determinado grupo de utentes (FERREIRA BRITO, 1993; QUADROS; KARNOPP, 2004).

Figura 5: Sinais para (1) TELEFONE, (2) BORBOLETA, (3) BEBER, (4) CASA, (5) ÁRVORE, (6) AVIÃO em Libras.



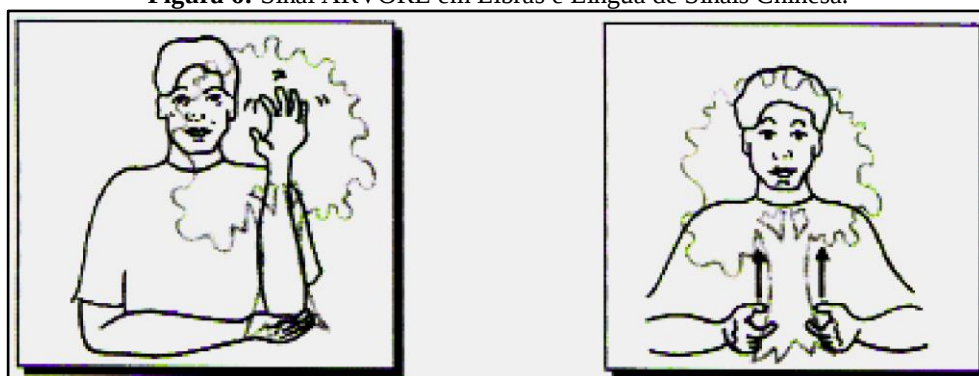
Fonte: adaptado de CAPOVILLA (2015).

Os sinais apresentados na figura acima são exemplos de iconicidade presente na Língua Brasileira de Sinais, pois eles apresentam os traços que são mais marcantes na representação de seus significados.

A iconicidade como marca cultural indígena na produção de sinais

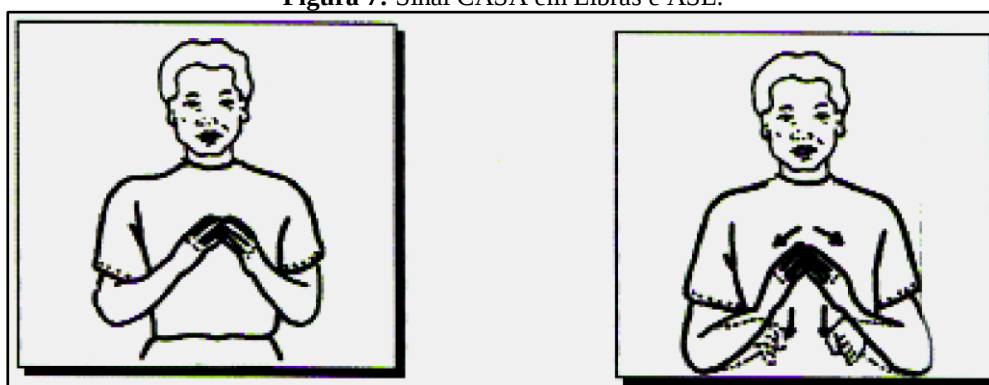
Compreendendo então que a iconicidade é arbitrária, ou seja, convencional, podemos observar que alguns sinais são representados de formas diferentes dependendo da comunidade onde eles são usados, assim como alguns sinais idênticos mudam de significado de acordo com o uso de seus utentes. Por exemplo, o sinal ÁRVORE em Libras, representa o tronco usando o antebraço e a mão aberta as folhas em movimento, enquanto que na Língua de Sinais Chinesa, representa-se apenas o tronco da árvore com as duas mãos fechadas, permanecendo apenas os dedos indicador e polegar abertos e curvados. O sinal CASA também é representado de forma diferente, em Libras as duas mãos se posicionam à frente do corpo, no espaço neutro, espalmadas e com os dedos unidos, tocando apenas a palma dos dedos, representando assim o telhado. Já em ASL, as mãos são posicionadas semelhantemente ao descrito em Libras, porém, elas se separam e fazem movimento para baixo, representando assim não apenas o telhado como também as paredes da casa (STROBEL, 1998 *apud* FERREIRA BRITO, 1993). Observemos os distintos usos de iconicidade nos quadros abaixo.

Figura 6: Sinal ÁRVORE em Libras e Língua de Sinais Chinesa.



Fonte: STROBEL (1998, p. 5).

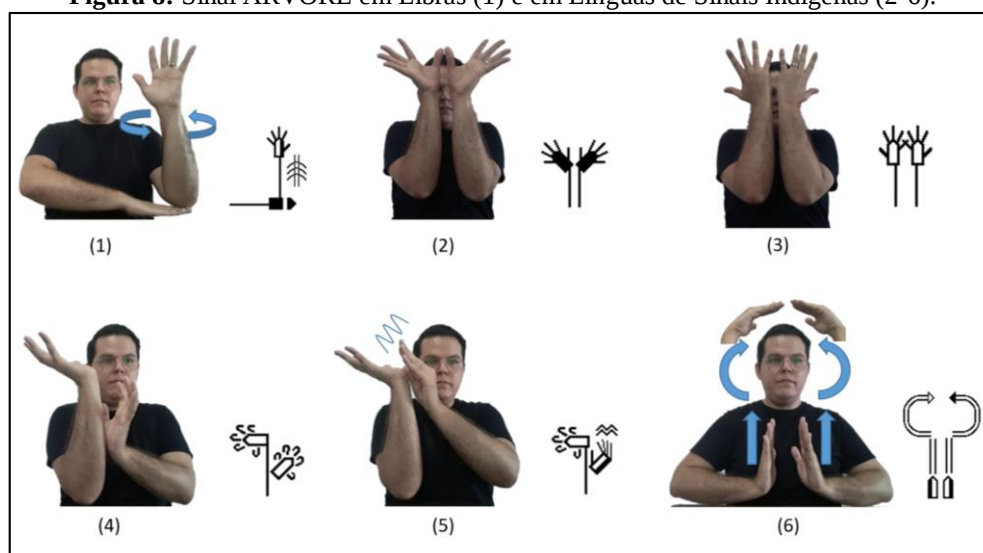
Figura 7: Sinal CASA em Libras e ASL.



Fonte: STROBEL (1998, p. 5).

Dessa forma, ao pensarmos na produção de sinais dentro da perspectiva da cultura surda indígena, percebemos a predominância do fenômeno da iconicidade e como esses sinais variam a depender da etnia indígena.

Figura 8: Sinal ÁRVORE em Libras (1) e em Línguas de Sinais Indígenas (2-6).



Fonte: adaptado de Vilhalva (2021).

A professora e pesquisadora surda Shirley Vilhalva, mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), referência nacional em pesquisas sobre línguas de sinais indígenas, em palestra dada ao Festival de Culturas Surdas, pelo Itaú Cultural, nos trouxe uma pequena mostra de como o sinal ÁRVORE, que em Libras é convencionado com apenas um sinal, mas que apresenta variações a depender da perspectiva dos sujeitos surdos indígenas pertencentes a diferentes etnias conforme podemos observar na Figura 8 acima.

E o que vem a ser a cultura surda?

A cultura surda está intimamente relacionada com a língua de sinais. Ela se manifesta nas formas de interação com o mundo através da visualidade. Todas as informações são recebidas pelos olhos, por meio dos sinais e qualquer outra forma de comunicação atrelada a eles. A cultura surda também se manifesta nas diferentes formas de modificar/adaptar o mundo para conviver nele, como dormir com o celular próximo ao corpo para sentir a vibração do aparelho ao despertar pela manhã, a campainha luminosa para saber quando alguém está à porta, o uso de janelas de Libras e legendas nos programas televisivos, a leitura labial para sujeitos surdos oralizados, a literatura surda, a vida social e esportiva, as artes visuais, a política, os materiais adaptados e o próprio uso da língua de sinais produzida espontaneamente ou escrita pelo sistema *Signwriting*, criado por Valerie Sutton (1974) na Dinamarca e difundido no Brasil a partir do ano de 1996 através dos estudos da Professora Doutora Marianne Stumpf (UFSC).

Strobel (2013), em sua obra “As imagens do outro sobre a cultura surda” afirma que

Cultura surda é o jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2013, p. 29).

Ainda com relação à cultura surda, Quadros (2004) complementa nos dizendo que

[...] A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes (QUADROS, 2004, p. 10).

Gome e Vilhalva (2020) contribuem para esta pesquisa ao afirmarem sobre a necessidade dos estudos culturais no tocante aos surdos indígenas e as suas línguas de sinais:

Os estudos culturais tornam-se necessários porque reconhecemos que os surdos indígenas estão inseridos em contextos interculturais que envolve as línguas indígenas, a língua portuguesa e os sinais emergentes relacionados a cultura e identidade indígena que pode contribuir (para) os registros das línguas de sinais indígenas (GOMES; VILHALVA, 2020, p. 23, grifo nosso).

Outro aspecto interessante sobre a cultura surda indígena é abordado por Godoy (2020), em sua tese “Os Ka’apor, os gestos e os sinais” em relação ao uso da língua de sinais daquela etnia:

Kakumasu (1968: 275) começa seu artigo observando que coletou os dados principalmente em uma aldeia, chamada capitão Xâtarixã, onde coletou dados entre 1962-1965 financiado pelo *Summer Institute of Linguistics* e pelo Museu Nacional. Nesta aldeia vivia um “mudo”, sendo que para o total da população ka’apor, que estimava em 500 pessoas, existiam 7 “mudos”. Entre os “mudos”, Kakumasu comenta (n.2) o caso de um menino que com 8 anos perdeu a audição, começando, imediatamente após isso, a sinalizar, sendo que ele provavelmente já dominava os sinais antes de sua surdez.

O autor comenta sobre uma de suas viagens, realizada em junho de 1965, foi entre o posto indígena (Canindé, no lado paraense da divisa com Maranhão) passando por quatro aldeias, chegando até a quinta. Com ele foi um ka’apor “mudo” para ajudar a carregar sua bagagem. O trajeto realizava-se em 4 dias (o autor não informa se foram a pé ou montado em jumento). Kakumasu aponta os “mudos” que encontrou no caminho: uma menina de 5 ou 6 anos na primeira aldeia, uma jovem de 13 ou 14 na terceira aldeia e um “meio surdo” na quarta aldeia. Tendo ficado na quinta aldeia, comenta que o carregador surdo não teve problemas para se comunicar com os moradores desta aldeia, que também conheciam os sinais.

Ao final do artigo, Kakumasu (1968: 280) nota que a língua de sinais continuará enquanto tiver “mudos” no povo ka’apor, já que é usada para os mudos se comunicarem com os “falantes” e vice-versa. Somando-se a isso, Kakumasu observa que no posto indígena (Canindé) há pessoas do povo tembé que travam contatos frequentes com os “mudos” e que aprenderam muitos sinais, podendo se comunicar sinalizando (GODOY, 2020, p. 53-54).

Diante do exposto por Godoy (2020, citando KAKUMASU, 1968), podemos perceber que na cultura indígena (dos Urubu-Ka’apor, em específico), a língua de sinais é usada por todos os seus membros, sejam eles índios surdos ou índios ouvintes. A língua de sinais indígena faz parte do cotidiano daquela etnia e até mesmo de etnias mais próximas (os Tembé, por exemplo) e estabelece a comunicação entre seus utentes nas mais diversas situações de interação social, algo que não ocorre com frequência nos centros urbanos, pois ainda são poucos

os ouvintes que conhecem a Língua Brasileira de Sinais e que conseguem se comunicar com os surdos falantes dessa língua.

É com base nesses aspectos culturais que se manifestam através da língua de sinais, e aqui especificamente das línguas de sinais de sujeitos surdos indígenas, que nos propomos a trazer aos nossos leitores o registro de alguns dos sinais encontrados durante nossa pesquisa para a produção deste material.

Formação de sinais sob a ótica da cultura surda indígena

Assim como o Brasil tem por língua oficial o Português, a Língua Brasileira de Sinais também tem seu reconhecimento linguístico a partir da Lei Nº 10.436/2002 como mencionado anteriormente. Mas, devido à dimensão continental de nosso país e a existência de diversas etnias indígenas, sabemos que a Libras não é a única língua de sinais presente em território nacional.

Através de um mapeamento das línguas de sinais existentes no Brasil, as autoras Quadros e Silva (2017, p. 31-32) organizaram um quadro apresentando os pesquisadores, as línguas de sinais das etnias que investigaram e sua localização geográfica da seguinte forma: Ferreira-Brito (1984), a Libras, nos centros urbanos do país; Kakamasu (1968) e Ferreira e Brito (1984), a Língua de Sinais Urubu-Ka'apor, no Maranhão; Azevedo (2015), a Língua de Sinais Sateré-Mawé, em Manaus; Giroletti (2008), a Língua de Sinais Kaingang, em Santa Catarina; Vilhalva (2012), as Línguas de Sinais Terena e Guarani, no Mato Grosso do Sul; Damasceno (2017), a Língua de Sinais Pataxó, na Bahia; Pereira (2013), Cena no Piauí; Cerqueira e Teixeira (2016), Acenos, no Acre; Fusilier (2004), a Língua de Sinais da Fortalezinha, na Ilha do Marajó; Fusilier (2004), a Língua de Sinais de Porto de Galinhas, em Pernambuco; Temóteo (2008), a Língua de Sinais de Caiçara, no Ceará.

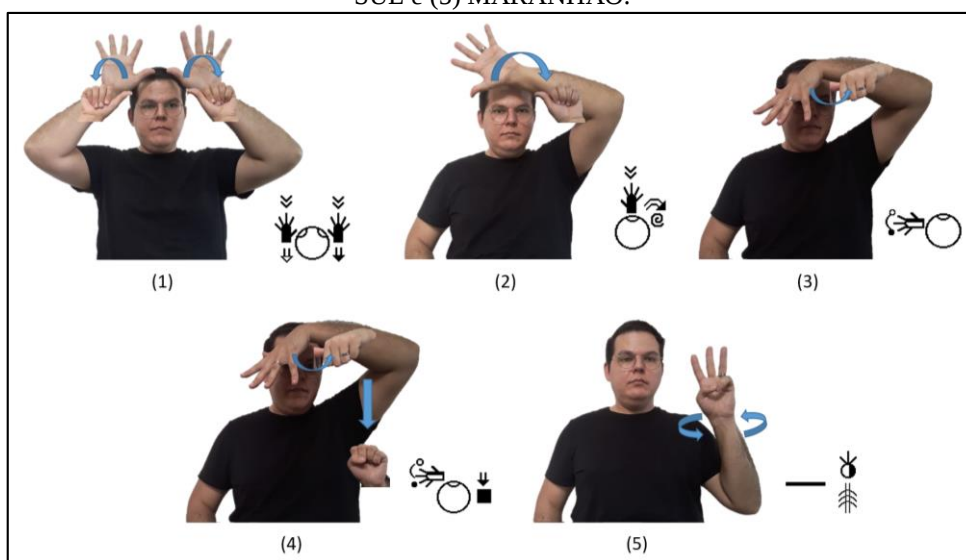
Ainda neste sentido de se organizar um mapeamento das línguas de sinais indígenas, Gomes (2020) organizou a obra “Epistemologias dos Estudos Surdos” a partir de pressupostos pós-críticos embasada nos Estudos Culturais reunindo diversas pesquisas com foco principalmente em aspectos culturais e identitários de diversas etnias indígenas, destacando entre elas, as pesquisas realizadas por Eler (2017), Costa (2017) e Bernardo (2017) com indígenas surdos da etnia Paeter Suruí, no interior do estado de Rondônia.

Na língua portuguesa existem diversas palavras de origem indígena, dentre elas podemos citar: jabuti, maracanã, macaxeira, biboca, maniçoba, Xingu, Jurema, etc. da mesma forma, na Libras também encontram-se sinais que possuem marcas culturais indígenas, a

começar com os sinais de alguns estados do país que fazem parte do contexto amazônico, como nos indicam Costa, Nascimento e Prates (2021),

Além disso, os sinais representativos em Libras dos Estados do Acre, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul têm na sua estrutura interna uma relação com as suas tribos indígenas e/ou a miscigenação étnico-racial do povo brasileiro. Por exemplo, os sinais dos Estados do Acre (AC), Amazonas (AM), Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS) representam, iconicamente, os cocares indígenas e o do Maranhão (MA) representa o índio nativo, o negro africano e o branco europeu (COSTA; NASCIMENTO; PRATES, 2021, p. 21-22).

Figura 9: Sinais dos estados do (1) ACRE, (2) AMAZONAS, (3) MATO GROSSO, (4) MATO GROSSO DO SUL e (5) MARANHÃO.

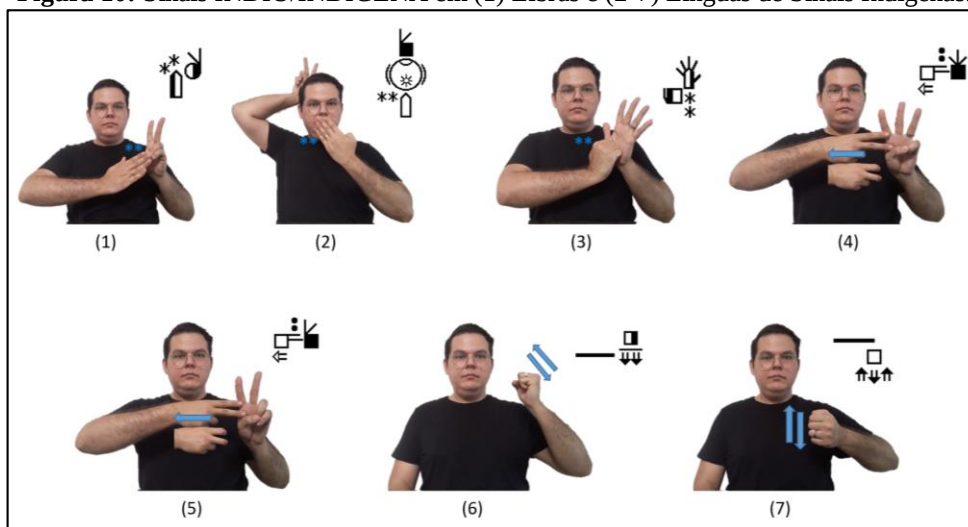


Fonte: acervo pessoal.

Na figura 9 podemos observar como os sinais dos estados brasileiros mencionados por Costa, Nascimento e Prates (2021) se apresentam na Língua Brasileira de Sinais tendo em sua composição exatamente o cocar indígena como referencial (Acre, Amazonas, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e a miscigenação dos povos (no caso do Maranhão).

A relação do cocar indígena como referencial para a criação dos sinais dos estados acima mencionados também se apresenta na estrutura interna dos sinais usados para ÍNDIO ou INDÍGENA conforme as pesquisas de Vilhalva (2021):

Figura 10: Sinais ÍNDIO/INDÍGENA em (1) Libras e (2-7) Línguas de Sinais Indígenas.

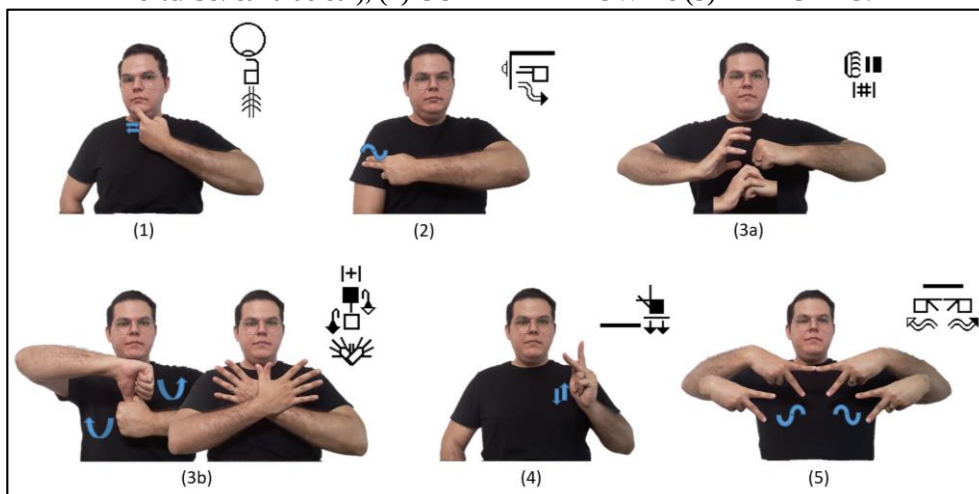


Fonte: adaptado de Vilhalva (2021).

De acordo com Vilhalva (2021), enquanto a Libras possui um sinal para a palavra ÍNDIO ou INDÍGENA, esse sinal não pode ser o mesmo para as diversas etnias indígenas, pois em cada uma delas os surdos que lá vivem, por suas experiências visuais e culturais, criam sinais com as características que a eles são mais marcantes e mais identificam seus povos e suas culturas.

A partir das pesquisas dos autores mencionados nesta seção, apresentaremos a seguir o registro de alguns dos sinais emergentes com características das culturas surdas indígenas que selecionamos para esta pesquisa:

Figura 11: Sinais referentes as etnias (1) URUBU-KA'APOR, (2) TERENA, (3) TUPINAMBÁ (3a. etnia do norte/ 3b. etnia do sul), (4) GUARANI-KAIOWÁ e (5) KAINGANG.



Fonte: adaptado de Vilhalva (2021).

Assim como a palavra índio ou indígena não tem um único sinal em Libras, o mesmo acontece com as etnias. Cada povo, a depender de sua identidade cultural, cria os sinais que melhor identificam suas etnias.

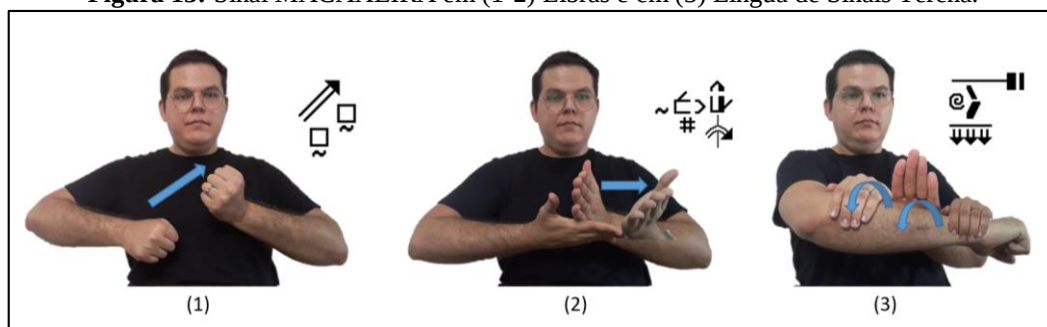
Figura 12: Sinal MELANCIA em (1) Libras e em (2) Língua de Sinais Terena.



Fonte: adaptado de Francisco (2021).

O sinal MELANCIA em Libras tem como referencial o ato de comer uma fatia da fruta, enquanto que para os Terena, o referente desse sinal é composto por uma das mãos representando a forma arredondada do fruto e a outra mão fazendo um movimento de toque com duas leves batidinhas com a do dedo médio na casca para saber se a fruta está boa para ser comida.

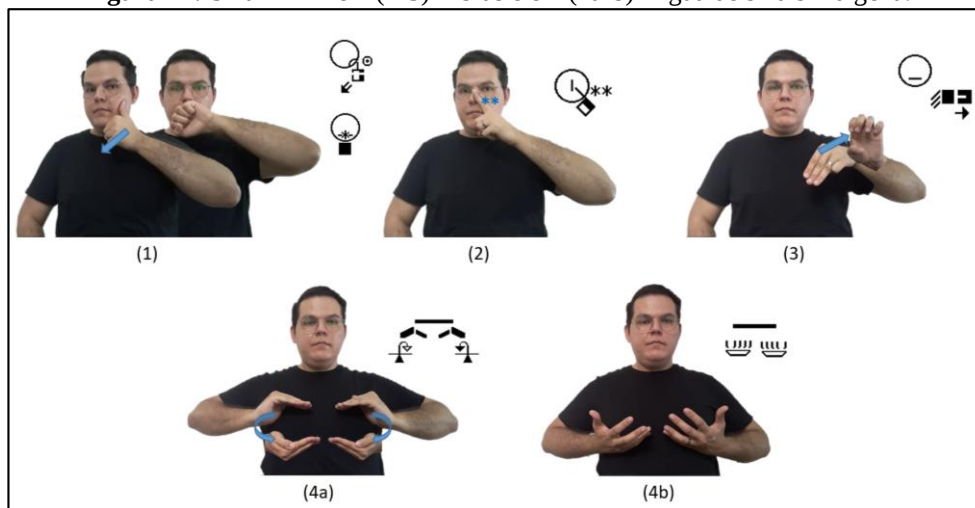
Figura 13: Sinal MACAXEIRA em (1-2) Libras e em (3) Língua de Sinais Terena.



Fonte: adaptado de Francisco (2021).

O sinal MACAXEIRA em Libras pode ser representado (1) pelo ato de puxar a planta pelo caule arrancando-a da terra ou (2) o ato de cortar a raiz. Já para os Terena (3) esse sinal está relacionado com o ato de descascar a raiz, sendo realizado pela mão que passa três vezes pelo antebraço oposto.

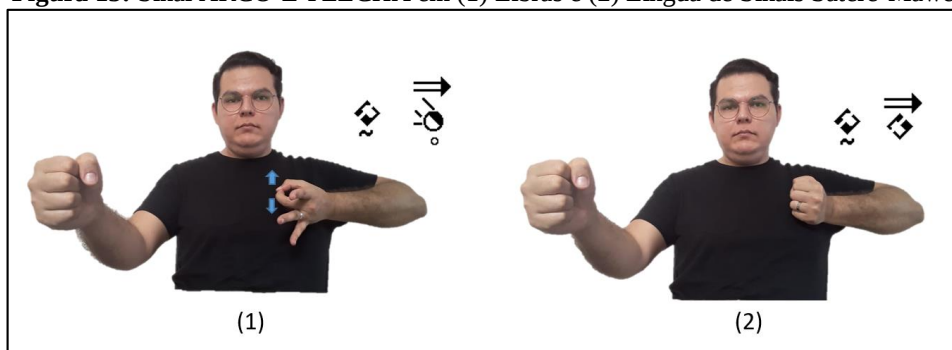
Figura 14: Sinal MÃE em (1-3) Libras e em (4a-b) língua de sinais indígena.



Fonte: adaptado de Vilhalva (2021).

O sinal MÃE possui três variações na Libras, sendo motivadas por (1) a mulher que se beija a mão como símbolo de bênção, (2) aquela que tem cuidado e (3) sinal soletrado. Já em (4a-b) língua de sinais indígena (não identificou-se a etnia) a referência do sinal está nos seios, relacionado possivelmente àquela que realiza o ato de amamentar.

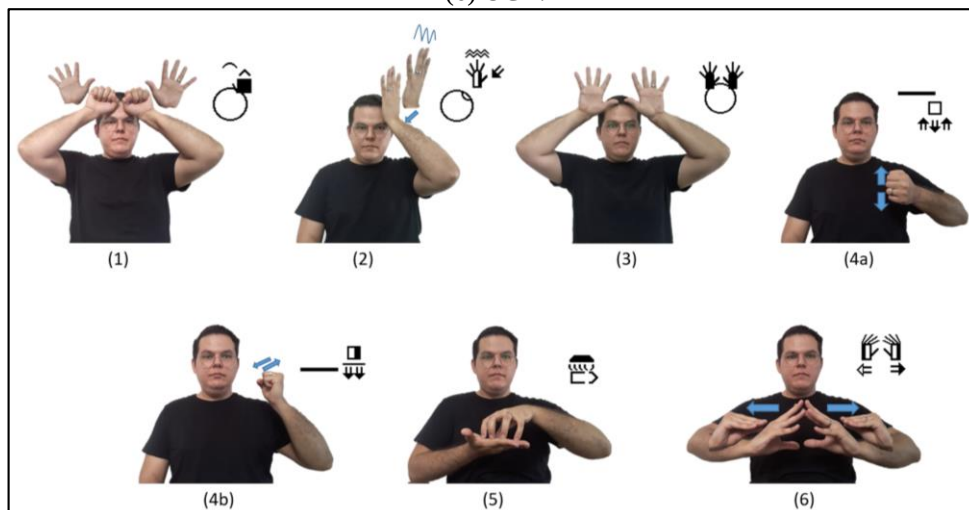
Figura 15: Sinal ARCO-E-FLECHA em (1) Libras e (2) Língua de Sinais Sateré-Mawé.



Fonte: adaptado de Capovilla (2015, p. 412) e Azevedo (2015, p. 81).

O sinal ARCO-E-FLECHA possui a mesma iconicidade (segurar o arco puxando a corda e disparando a flecha) tanto em Libras quanto na Língua de Sinais Sateré-Mawé (LSSM), tendo apenas a configuração da mão que representa o disparo da flecha, sendo aberta com apenas os dedos médio e polegar se tocando para o sinal em Libras e totalmente fechada em LSSM.

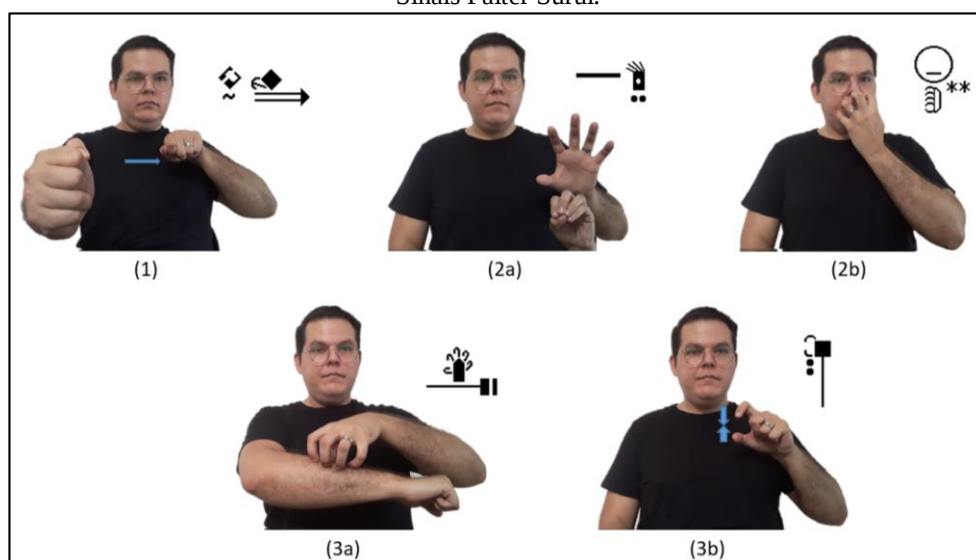
Figura 16: Sinais emergentes para (1) CACIQUE, (2) PAJÉ, (3) COCAR, (4a-b) CHOCALHO, (5) ALDEIA e (6) OCA.



Fonte: adaptado de Strobel (2016).

A professora e pesquisadora surda Doutora Karin Strobel (UFSC) apresenta em seu material “Sinais Emergente Indígena: Mini-dicionário de Libras/Português” alguns sinais emergentes dos quais selecionamos os cinco apresentados na figura 16 por considerarmos serem os que mais se aproximam da proposta deste trabalho, isto é, possuem características icônicas em sua estrutura interna e marcas culturais indígenas.

Figura 17: Sinais emergentes para (1) ESTILINGUE, (2a-b) CACHORRO e (3a-b) PAPAGAIO na Língua de Sinais Paiteer Suruí.



Fonte: adaptado de Eler (2017, p. 92-101).

A pesquisadora Rosiane Ribas de Souza Eler, em sua dissertação de mestrado “Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiteer Suruí” nos apresenta uma coletânea de sinais emergentes usados pelos surdos indígenas da etnia Paiteer Suruí, na

cidade de Cacoal, interior do estado de Rondônia. Dentre os vários sinais trazidos pela autora, selecionamos os três acima para demonstrar como a iconicidade varia de acordo com a cultura de cada povo, fazendo um comparativo com a Libras. Observamos que para os indígenas surdos dessa etnia, a motivação para (1) é o ato de segurar o instrumento e puxar o elástico para arremessar a pedra, o referencial para (2a) é o movimento da boca do animal emitindo o latido, sendo que para Libras (2b) seria o seu focinho e, para (3a) as garras do pássaro sentado no braço da pessoa, enquanto que na Libras (3b) o referente é o bico da ave.

Considerações finais

Investigar a respeito da temática cultura não é algo tão simples e fácil como se imagina, principalmente quando a proposta é abordar aspectos culturais de sujeitos surdos indígenas pertencentes as mais diversas etnias em diferentes localidades do contexto amazônico, dado as dimensões continentais de nosso país.

A cultura surda indígena, assim como a cultura dos surdos dos centros urbanos, está intimamente relacionada ao campo da linguagem. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) não é a única língua de sinais existente no Brasil como grande parte da população imagina. Cada etnia indígena possui sua própria cultura e sua própria língua de sinais, estas sendo conhecidas também, a partir das pesquisas realizadas pela Professora Shirley Vilhalva, como sinais emergentes ou sinais caseiros.

Os surdos indígenas manifestam suas culturas por meio dos sinais emergentes. É através de suas línguas de sinais que eles interagem não somente entre si, sujeitos surdos, mas com seus familiares e demais membros pertencentes aos seus povos e até mesmo com povos de outras etnias.

Graças as pesquisas realizadas no grande campo dos Estudos Culturais, pudemos também trazer contribuições para esta área ao propormos um registro inicial dos sinais emergentes selecionados para este trabalho. Identificamos nesses sinais marcas culturais das etnias nas quais eles são produzidos além de grande influência do fenômeno da iconicidade, na qual um sinal é criado baseado nas características visuais mais marcantes de seu referente além de perceber como essa iconicidade varia de acordo com seus usuários.

Registrar os sinais emergentes por meio de fotografias aliadas ao sistema *Signwriting* nos proporcionou contribuir ainda para o registro não só imagético como também escrito, uma vez que este sistema possibilita registrar aspectos visuais inerentes as línguas de sinais que não são possíveis de se materializar no papel apenas por fotos, visto que elas não nos permitem

saber o início, meio e fim de um sinal, quais movimentos são feitos na produção deste e quais possíveis expressões faciais e ou corporais são realizadas durante sua produção. E, uma vez nos utilizando desse sistema, podemos trazer para o papel todas essas nuances das línguas de sinais.

Ao investigarmos os sinais emergentes pudemos confirmar como a perspectiva dos surdos indígenas varia de uma etnia para outra e como a capacidade cognitiva desses sujeitos é ilimitada para a comunicação. Como eles são altamente capazes de criar e convencionar sinais a partir de suas experiências visuais e culturais e assim estabelecer comunicação não apenas com seus pares surdos, mas também com os sujeitos não surdos dentro do contexto amazônico nas mais diversas localidades onde vivem.

Não podemos dizer que pesquisas como esta estão prontas e acabadas. Sempre haverá novos objetos a serem pesquisados e novas perspectivas que poderão contribuir cada vez mais aos Estudos Culturais. Poder materializar uma pesquisa como esta nos instiga a dar continuidade ao registro das línguas de sinais indígenas por meio de novas pesquisas, proporcionando assim ainda mais conhecimento sobre os diferentes povos e sociedades que vivem e convivem na Amazônia.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. J. S. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. Dissertação de Mestrado. Manaus: UEA, 2015. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/23-13.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BARRETO, M. **Escrita de sinais sem mistérios**. Madson Barreto, Raquel Barreto. 2. ed. rev. atual. e ampl. – Salvador, v. 1: Libras Escrita, 2015.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. *In: Sign Language Studies*, v.5, p. 1-19, 1974.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in american sign language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 10 ago. 2021.

CAPOVILLA, F. C.; RAFAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua de Sinais brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1: Sinais de A a H. 3. ed. rev. e ampl., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc, 2015.

CAPOVILLA, F. C.; RAFAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da língua de Sinais brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 2: Sinais de I a Z. 3. ed. rev. e ampl., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc, 2015.

COSTA, E. S.; NASCIMENTO, L. R. S.; PRATES, M. P. G. Karai je'eha jakwarahã! (Comunique-se bem!): um estudo sobre as línguas de sinais das terras indígenas. *In: Revista Humanidades e Inovação*. V. 8, n. 37. Palmas, 2021, p. 20-35. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2891>. Acesso em: 30 jun. 2021.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FRANCISCO, R. P. **Línguas de sinais indígenas/ Festival de culturas surdas**. Youtube, 9 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7eAfd5K1gQ>. Acesso em: 9 ago. 2021.

GESSER, A. **Libras: que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009;

GODOY, G. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341895050_Os_Ka%27apor_os_gestos_e_os_sinais. Acesso em: 30 ago. 2021.

GOMES, J. C. **Epistemologias dos estudos surdos**: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade cultural. Curitiba: Editora CRV, 2020.

GOMES, J. C.; VILHALVA, S. As epistemologias das línguas de sinais indígenas. *In: GOMES, J. C. Epistemologias dos estudos surdos*: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade cultural. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 19-54.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=WeBOn6N8PJ8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 4 jul. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 49-72. Disponível em: www.feevale.br/editora. Acesso em: 6 set. 2021.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de

Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 20.ed. São Paulo: Cultrix, [1916], 1995.

STOKOE, W. C. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978.

STROBEL, K. L. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de estado de educação. Superintendência de Educação. Departamento de educação Especial. Curitiba: SEED/ SUEDE/ DEE, 1998.

STROBEL, K. L. **Sinais Emergente Indígena: Mini-dicionário de Libras/Português**. Slides. 2016. Disponível em: <http://oficinadelibras.blogspot.com/2016/04/dia-do-indio-mini-dicionario-sinais.html>. Acesso em: 15 ago. 2021.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de Sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador**. Tese de Doutorado em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SUTTON, V. **History of SignWriting: chapter 7 - How SignWriting Has Changed: The Evolution of Writing Styles**. 1974-1998. La Jolla: Deaf Action Committee for SignWriting, 1998b. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist008.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

VARGAS, V. G. L. **Libras: um estudo lexical das variedades regionais**. Dissertação de Mestrado. Rio Branco: Nepan, 2018.

VILHALVA, S. **Línguas de sinais indígenas/ Festival de culturas surdas**. Youtube, 9 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7eAfd5K1gQ>. Acesso em: 9 ago. 2021.

VILHALVA, S. **Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92972/271269.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 ago. 2021.

VILHALVA, Shirley. **Índios surdos: mapeamento das Línguas de Sinais do Mato Grosso do Sul**. Petrópolis-RJ: Ed. Arara Azul, 2012.